

ARDAO (Arturo). — *La Universidad de Montevideo — su evolución histórica*. (Separata especial para a Universidade da República, da Revista do Centro de Estudantes de Direito). Montevideu. 1950. 112 pp.

Arturo Ardao já é nosso conhecido graças à importante contribuição que trouxe, com o seu excelente trabalho — *La Filosofía Pre-universitaria en el Uruguay* (Cl. Garcia e Cia. ed. Montevideu, 1945) — ao estudo da história das idéias na América.

No presente trabalho, o A. reúne uma série de notas sobre a história da Universidade de Montevideu e sobre algumas figuras mais importantes relacionadas com o progresso e desenvolvimento da cultura no seu país, mostrando ao mesmo tempo o espírito que tem animado esse desenvolvimento. O que ele nos conta relativamente à Universidade de Montevideu é digno de interesse e de reflexão. A universidade uruguaia — que deriva da lei Larragãna — percorreu quatro fases: uma, que vai de 1833 a 1849 na qual, o instituto universitário teve o lindo nome, que relembra os tempos medievais, de Casa de Estudos Gerais. Serviram-lhe de modelo, na época, "as universidades de Buenos Aires, de Viena, de França e as do Reino Unido da Inglaterra". Mas só em 1849 instalar-se-ia a Universidade da República. Numa segunda etapa, que vai de 1849 a 1885, os estudos superiores repartem-se por quatro faculdades: a de ciências naturais, a de medicina, a de jurisprudência e a de teologia, funcionando porém, inicialmente, apenas a de jurisprudência. Mais tarde, em 1876 ajunta-se-lhe, no quadro universitário, a faculdade de medicina. As faculdades de ciências naturais e de teologia — e é curioso refletir sobre o significado do ajuntamento desses dois curiosos títulos — não seriam constituídas.

O ensino superior, desse modo — no Uruguai como no nosso país — desenvolver-se-ia desde logo com um "espírito acadêmico legista", espírito ele ligado na época, à "inspiração filosófica do espiritualismo eclético de V. Cousin". Mais tarde, a instalação da faculdade de medicina coincidirá com o advento das doutrinas positivistas e com a moderna cultura científico-naturalista.

Numa terceira fase, que está compreendida entre duas datas que têm, — creio — singular importância para a história sul-americana (1885-1908), realiza-se a reforma Alfredo Vásquez Acevedo, a reforma conhecida como a lei orgânica de 14 de julho de 1885. A faculdade de jurisprudência passa a denominar-se — e creio que é importante também assinalar isto — Faculdade de Direito e de Ciências Sociais (1878). Vásquez foi a alma dessa reforma cuja amplitude seria, como mostra o A., enorme. É dessa reforma que procede a Universidade moderna. Essa reforma também indica, ao observador dos fenômenos históricos e culturais da América do Sul, os contrastes da influência do positivismo nos nossos países.

Do início dessa terceira etapa da evolução histórica da universidade uruguaia, datam a Faculdade de matemática (1888) e, mais tarde, os cursos que constituiriam a Faculdade de Comércio (1903). Durante o "reitorado" de Vásquez Acevedo fundam-se ainda as faculdades de agronomia e veterinária (1907).

A última etapa que o A. estuda na sua interessante síntese da universidade uruguaia é a que se estende de 1908 aos nossos dias, a que corresponde à lei orgânica de 31 de dezembro de 1908, devida ao presidente Wiliman. O ensino superior divide-se, segundo essa lei pelas três faculdades: direito, medicina e matemática. As faculdades de comércio, agronomia e veterinária transformam-se, segundo essa lei, em escolas à margem da Universidade. Nesse período multiplicam-se mas descentralizam-se as faculdades, ao mesmo tempo que ganham autonomia. Em 1915, a antiga Faculdade de matemática divide-se em faculdades de engenharia e em faculdade de arquitetura; em 1925 reforma-se a escola de agronomia; em 1929 fundam-se as faculdades de química e farmácia, às quais se agrega, no mesmo ano, a escola de odontologia. Todas

estas novas escolas tinham sido antes, secções da faculdade de medicina. Em 1932, transforma-se a faculdade de comércio em faculdade de ciências económicas e administrativas; em 1933, a escola de veterinária também se transforma em faculdade e, em 9 de outubro de 1945, cria-se a faculdade de humanidades e de ciências, correspondente às nossas faculdades de filosofia, ciências e letras.

Depois de haver apresentado uma sùmula das diferentes fases do progresso universitário em seu país, Arturo Ardao estuda, pormenorizadamente, em outros capítulos de seu trabalho, outros aspectos históricos do ensino superior de seu país, desde o colégio franciscano de São Bernardino até os nossos dias, pondo em realce figuras como a de Larragãna, como as dos presidentes Oribe e Suarez. Interessante e sugestivo é o capítulo que o A. consagra à iniciação filosófica no seu país e na qual aparecem vicissitudes análogas àquelas pelas quais passamos nós, no Brasil. Do mesmo interesse é o que nos diz acerca da curiosa figura de Amadeu Jacques, o republicano mestre de conferências da Escola Normal Superior de Paris, exilado na América do Sul por não haver aceito o império de Napoleão III.

O livro do ilustre professor uruguaio mostra-nos, enfim, nas suas entrelinhas, as dificuldades pelas quais a organização universitária passou no seu país. Essas dificuldades assemelham-se muito às nossas e nos levam a meditar sobre o quanto é precária ainda a noção da função da universidade em relação ao nosso meio e à nossa cultura, onde a universidade não tem, parece, raízes muito sólidas... Esperemos, porém, como diz o A., ao terminar o seu trabalho, que a universidade possa cumprir a sua missão histórica de integradora da cultura nacional. E, para que isso se possa realizar, como diz ainda Arturo Ardao, uma coisa é necessária: "que sin renegar de sus fuentes maternas persiga la autenticidad por las vias que conducen — siendo caso sólo una — a su proprio mundo histórico cultural y a la comunidad cultural americana".

CRUZ COSTA.

---

PETRUS NONIUS. Publicação do Grupo Português para a História das Ciências. Vol. VII, fasc. 1/2. Lisboa. s/d. 96 pp.

Temos grande satisfação em assinalar, pela primeira vez, nas páginas consagradas à resenha bibliográfica da *Revista de História*, a importante contribuição que esta publicação, do Grupo Português da História das Ciências, dá e poderá ainda continuar a dar, ao progresso dos estudos e das pesquisas relativas à história da cultura científica nos países de língua portuguesa.

O sumário do volume que temos em mão é o seguinte: Dr. A. A. de Oliveira Machado e Costa — *Mestres Italianos em Portugal* (pp. 5-12). Ali o Prof. Machado e Costa estuda a figura do sábio italiano Miguel Franzini e a influência que o mesmo teve no setor relativo às ciências naturais, nos resultados que se seguiriam à grande reforma de Pombal, no que respeita à renovação do ensino, nos moldes modernos em Portugal, e que veio pôr termo, como ele diz, à chamada idade de ferro das letras portuguesas. Em artigo não menos sugestivo, o Prof. G. Constanzo, antigo professor do I. S. Técnico de Lisboa, estuda *A Radioactividade em Portugal no seu Início* (pp. 13-22). Mostra o Prof. Constanzo os inícios dos estudos feitos sobre o urânio em Portugal e conta, no seu artigo, com muito espírito, as peripécias por que passou o cientista Edouard Urban, irmão do Prof. Urban, da Sorbonne, quando andou a estudar, na região de Guarda, as terras em que havia o precioso elemento. Em outro